

FICHA TÉCNICA

Título original: *Just One Day*

Autor: *Gayle Forman*

Copyright © 2013 by Gayle Forman, Inc.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução: *Maria José Figueiredo*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Dep. Gráfico Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, setembro, 2015

Depósito legal n.º 397 102/15

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

UM

Agosto

Stratford-upon-Avon, Inglaterra

E se Shakespeare estivesse enganado?

«Ser ou não ser, eis a questão» — é um verso do mais famoso monólogo de Hamlet, que é provavelmente o mais famoso monólogo de Shakespeare. Tive de aprender este monólogo de cor para Inglês no último ano do liceu, e ainda me lembro dele todo. Na altura, não lhe prestei grande atenção; o que eu queria mesmo era não me enganar, e conseguir um Muito Bom. Mas, e se Shakespeare — e Hamlet — se tivessem enganado na pergunta? E se a questão não fosse *ser ou não ser*, mas *como ser*?

O certo é que eu não sei se teria feito esta pergunta — *como ser* — a mim própria, se não fosse *Hamlet*. Provavelmente tinha continuado a ser a Allyson Healey que tinha sido até então, e a fazer exatamente o que as pessoas esperavam de mim — ou seja, e neste caso, ir ver *Hamlet*.

— Bolas, está tanto calor. Nunca pensei que estivesse tanto calor em Inglaterra. — A minha amiga Melanie prende o cabelo com a mão no alto da cabeça e abana-se com a mão no pescoço, para se refrescar. — Mas afinal a que horas é que eles abrem as portas?

Eu levanto os olhos para a Ms. Foley, a quem a Melanie e a maior parte do nosso grupo deu o nome de A Nossa Chefe Indomável (sem ela saber); mas a Ms. Foley está a falar com o Todd,

um dos finalistas de História que colaboram com ela, provavelmente a dar-lhe uma descasca. No folheto das Viagens Culturais para Jovens! que os meus pais me apresentaram há dois meses, quando eu acabei o liceu, os alunos do ensino superior (tipo o Todd) eram designados como «consultores de história», que tinham a função de estimular o «interesse educativo» destas Viagens para Jovens! Mas até agora o que o Todd tem conseguido realmente estimular são as ressacas, já que tem levado toda a gente para os copos quase todas as noites. E estou mesmo a ver que esta noite vai tudo ficar ainda mais animado. Convém não esquecer que é a nossa última paragem: Stratford-upon-Avon, uma cidade cheia de cultura! Facto que parece traduzir-se num número absurdo de bares com o nome de Shakespeare, frequentados por gente de ténis de um branco que fere os olhos.

A Ms. Foley, que também traz uns ténis de um branco imaculado — para além de umas *jeans* muito bem passadas e de um polo das Viagens para Jovens! —, continua a repreender o Todd. Às vezes, à noite, enquanto o resto do grupo anda todo por fora, ela confidencia-me que devia telefonar ao diretor da agência a fazer queixa do Todd. Mas a verdade é que nunca o fez. Tenho a impressão de que é em parte porque, quando ela lhe chama a atenção, ele se põe a fazer-lhe olhinhos. Até à Ms. Foley. Sobretudo à Ms. Foley.

— Acho que começa às sete — respondo à Melanie, e olho para o relógio, que foi outro presente de final do secundário: um relógio em ouro maciço, com *Going Places* gravado na parte de trás, que me pesa imenso no pulso. — São seis e meia.

— Fogo, os bifes adoram fazer bicha. Ou fila. Ou lá o que é. Deviam aprender com os italianos; esses amontoam-se. Ou se calhar eram os italianos que deviam aprender com os bifes. — A Melanie puxa para baixo a minissaia (a que ela chama «saia fita» e ajeita a blusa. — Roma! Tenho a sensação de que foi há um ano!

Roma? Foi há seis dias que lá estivemos? Ou há dezasseis? Por esta altura, a Europa transformou-se, toda ela, numa confusão de aeroportos, autocarros, edifícios antigos e menus de frango com vários tipos de molhos. Quando os meus pais me ofereceram esta viagem — era um presente por ter terminado o secundário —, a princípio, não tive grande vontade de aceitar. Mas a minha mãe

garantiu-me que tinha andado a investigar, e que as Viagens para Jovens! eram muito bem vistas, tinham uma componente formativa de grande qualidade, além de tratarem muito bem os jovens. E disse-me que eles iam cuidar bem de mim. «Vais estar sempre acompanhada», prometeram-me os meus pais. E, claro, a Melanie também vinha.

E tinham razão. Claro que toda a gente se irrita com a Ms. Foley por ela não nos largar da vista, mas a mim até me agrada que ela passe o tempo a contar-nos para ver se não falta ninguém, e até me agrada que ela não aprecie mesmo nada as saídas à noite para os bares, embora nós tenhamos quase todos idade para beber em público na Europa — coisa com que, a bem dizer, ninguém se preocupa grandemente.

Eu não vou aos bares. Geralmente, volto para o quarto do hotel (que partilho com a Melanie) e fico a ver televisão. É raro não se conseguir encontrar um canal com filmes americanos, do género que a Melanie e eu costumávamos ver juntas ao fim de semana, no quarto de uma ou da outra, com uma enorme taça de pipocas ao lado.

— Estou a assar — queixa-se a Melanie. — Parece que ainda é meio-dia!

Levanto os olhos: o sol está quente, e as nuvens atravessam o céu a toda a pressa; gosto desta velocidade das nuvens, sem nada que lhes impeça o caminho. Percebe-se pelo céu que Inglaterra é uma ilha.

— Pelo menos não está a chover a potes, como quando cá chegámos.

— Tens aí um elástico ou um gancho? — pergunta-me a Melanie. — Não, claro que não tens. Aposto que estás a adorar esse corte de cabelo.

Levo a mão à parte de trás do pescoço: continuo a ter uma sensação estranha, por tê-la assim completamente à mostra. A Viagem para Jovens! começou em Londres, e na tarde do segundo dia tivemos umas horas livres para ir às compras, uma atividade que também é cultura, claro. Nesse dia, a Melanie convenceu-me a cortar o cabelo; estava tudo incluído num plano a que ela chamava «reinvenção pré-faculdade», que me tinha explicado na viagem de avião para cá:

— Na faculdade, ninguém vai saber que nós éramos umas marro-
nas. Ouve, nós somos giras, não temos de ser só umas intelectuais,
e de qualquer maneira na faculdade toda a gente é boa aluna. Por
isso, podemos ser boas alunas e ser *cool*; a partir de agora, as duas
coisas deixaram de ser mutuamente exclusivas.

Para a Melanie, esta reinvenção consistiu em mudar radicalmente
para um estilo de roupa extremamente reduzido, em gastar metade
do dinheiro que tinha trazido para a viagem na Topshop, e em
reduzir o seu próprio nome, de Melanie para Mel — coisa de que eu
passo a vida a esquecer-me, por muito que ela me dê pontapés por
baixo da mesa. Para mim, pelos vistos, consistiu no corte de cabelo
que ela me convenceu a fazer.

Fiquei completamente transtornada quando me vi ao espelho.
Tenho o cabelo preto, usava-o comprido, e não me lembrava de ter
alguma vez usado franja; ora, a pessoa que me devolveu o olhar no
espelho do cabeleireiro não se parecia absolutamente nada comigo.
Estávamos na Europa há dois dias, mas de repente eu senti um vazio
horrível no estômago: eram saudades de casa; a minha vontade era
estar no meu quarto, rodeada por aquelas paredes pintadas de creme
que tão bem conhecia e pela minha coleção de despertadores antigos.
E comecei a perguntar a mim própria como é que ia ser capaz de
sair de casa e ir viver numa residência da universidade, se nem dois
dias longe aguentava.

A verdade é que me habituei ao corte de cabelo e que as saudades
de casa praticamente desapareceram, e mesmo que não tenham desa-
parecido esta viagem está mesmo a acabar. Amanhã, quase todos os
meus colegas vão apanhar a camioneta direta ao aeroporto, e depois
o avião para casa. A Melanie e eu vamos apanhar um comboio para
Londres, onde vamos passar três dias com uma prima dela. A Mela-
nie anda a dizer que quer voltar ao cabeleireiro onde eu cortei o
cabelo, para lhe fazerem uma tira cor-de-rosa no dela, e combinámos
ir ver o *Let it be* ao teatro. No domingo, voltamos para os Estados
Unidos, e uns dias depois começamos as aulas na faculdade — eu
ao pé de Boston e a Melanie em Nova Iorque.

— Libertem o Shakespeare!

Ergo os olhos e vejo um grupo de umas doze pessoas a passar
ao longo da nossa fila, entregando uns folhetos de cores a toda a

gente. Percebo imediatamente que não são americanos: não usam tênis de um branco imaculado nem aqueles calções típicos, cheios de bolsos. São todos incrivelmente altos e magros, e têm um aspeto diferente, não sei bem explicar. É como se até a estrutura óssea deles fosse diferente.

— Ótimo, dá cá um — pede a Melanie estendendo a mão, e começa a abanar o pescoço com o folheto.

— O que é que diz? — pergunto-lhe eu, olhando para o grupo, que nesta Stratford-upon-Avon cheia de turistas chama a atenção como um ramo de papoilas vermelhas num campo de erva verde.

A Melanie olha para o folheto que tem na mão e franze o nariz.

— William de Guerrilha?

Aproxima-se de nós uma rapariga com o cabelo pintado com as mesmas riscas que a Melanie quer pintar no dela.

— É Shakespeare para o povo.

Olho para o folheto, e leio: «William de Guerrilha. Shakespeare sem fronteiras. Shakespeare sem limites. Shakespeare de graça. Shakespeare para todos.»

— Shakespeare de graça? — pergunta a Melanie.

— Exato — responde a rapariga do cabelo vermelho num inglês com sotaque. — Não é para os capitalistas ganharem dinheiro com ele. Era assim que o Shakespeare havia de querer que as peças dele fossem representadas.

— Achas mesmo que ele não queria vender bilhetes e ganhar dinheiro com as peças que escreveu? — Não estou a tentar armar-me em esperta, mas lembro-me de ver, em *A paixão de Shakespeare*, que ele andava sempre a dever dinheiro a toda a gente.

A rapariga revira os olhos e eu começo a ter a sensação de que estou a fazer figura de parva, por isso baixo os meus. Sinto uma sombra sobre mim, tapando momentaneamente o brilho do sol e oiço uma gargalhada. Olho para cima e, embora não consiga ver a pessoa que tenho à minha frente, porque o sol está a dar-lhe por trás e, apesar de já ser o fim da tarde, a luz ainda é bastante intensa, consigo ouvi-lo.

— Eu acho que ela tem razão — diz ele. — Essa coisa do artista faminto deixa de ser assim tão romântica quando a pessoa não tem mesmo nada que comer.

Pestanejo uma vez e outra e, quando os meus olhos se adaptam à luz, vejo que se trata de um sujeito alto — deve ter mais uns 30 centímetros que eu — e magro, com uns olhos de um castanho muito escuro, quase preto, e o cabelo em mil tonalidades de louro. Tenho de inclinar a cabeça para trás para conseguir olhar para ele, e ele inclinou a cabeça para baixo para olhar para mim.

— Mas acontece que o Shakespeare já morreu, e não anda por aí a cobrar direitos de autor. E nós estamos vivos! — exclama por fim, abrindo os braços como que para abarcar o universo. — O que é que vocês vão ver?

— O *Hamlet* — respondo-lhe.

— Ah, o *Hamlet*. — Ele tem uma pronúncia tão ligeira, que é quase impercetível. — Cá para mim, não se desperdiça uma noite destas a ver uma tragédia. — Fixa os olhos nos meus como se aquilo fosse uma pergunta, e depois sorri. — Nem dentro dum teatro. Nós vamos fazer a *Noite de reis*. Ao ar livre. — E estende-me um folheto.

— Vamos pensar no assunto — replica a Melanie com ar reservado.

O sujeito encolhe um ombro e inclina a cabeça para o mesmo lado, de tal maneira que a orelha quase lhe toca na omoplata, que é bastante saliente.

— Como queiram — responde, sem tirar os olhos dos meus. E a seguir põe-se a andar, ao encontro do resto do grupo.

A Melanie fica a vê-los afastarem-se.

— Uau! Porque é que eles não fazem parte das Viagens para Jovens? Aquilo é que é cultura a sério!

Eu também os sigo com o olhar, mas com uma sensação estranha cá dentro.

— Sabes uma coisa, eu já vi o *Hamlet*...

A Melanie olha para mim de sobranceiras lá no alto (andou a depilá-las, e ficou com uma tira finíssima).

— Eu também. Passou na televisão, mas não é a mesma coisa...

— Podíamos ir... a este espetáculo. Era uma coisa diferente, o que é que achas? E era uma experiência cultural. Foi para termos experiências culturais que os nossos pais nos ofereceram esta viagem.

A Melanie solta uma gargalhada.

— Olha para ela, a fazer de menina má! Então e a nossa Chefe Indomável? Dá-me a impressão de que está a preparar-se para nos contar outra vez.

— Bem, tu estavas a ficar maldisposta com o calor... — digo eu.

A Melanie fica a olhar para mim uns segundos, e depois percebe. Passa a língua pelos lábios, sorri e a seguir entorta os olhos. — Pois é, estou mesmo a ficar maldisposta com este calor horrível. — E volta-se para a Paula, que é do Maine e está concentrada na leitura de um guia turístico. — Paula, estou a ficar tonta.

— Realmente está imenso calor — responde a Paula com uma expressão compreensiva. — Era melhor ires beber qualquer coisa.

— Tenho a impressão de que daqui a nada desmaio. Já estou a ver pintas pretas.

— Não exageres — sussurro-lhe ao ouvido.

— A coisa tem de ser consistente — responde-me ela no mesmo tom. Está a divertir-se imenso com a cena. — Oh, acho que vou mesmo desmaiar.

— Ms. Foley! — chamo eu.

A Ms. Foley levanta os olhos da lista de nomes, onde estava a assinalar as presenças, e aproxima-se de nós com uma expressão tão preocupada que eu fico logo cheia de problemas de consciência por estar a mentir-lhe.

— Acho que a Melanie, a Mel, está a ficar com uma insolação.

— Estás a sentir-te mal? Já não deve faltar muito. E lá dentro do teatro vai estar fresquinho. — A Ms. Foley exprime-se numa estranha combinação de expressões tipicamente inglesas com pronúncia americana. Toda a gente faz troça dela porque acham que é um estilo pretensioso; mas eu acho que o que se passa é, muito simplesmente, que ela é americana mas passa uma grande parte do ano na Europa.

— Acho que vou vomitar — insiste a Melanie. — E não me apetecia nada vomitar dentro do teatro.

A Ms. Foley faz uma expressão de desagrado, não percebo bem se à ideia de a Melanie sujar o belo teatro de Shakespeare, ou ao facto de ela usar um verbo tão pouco elegante ali tão perto da Real Companhia de Shakespeare.

— Oh meu Deus, o melhor é eu acompanhar-te ao hotel.

— Eu levo-a — intervenho eu.

— A sério? Oh não, não te posso deixar fazer uma coisa dessas. Tu tens de ver o *Hamlet*.

— Não, a sério, não há problema. Eu levo-a.

— Não! Eu é que tenho a responsabilidade de a levar. Não posso impor-te uma coisa dessas. — Percebo pela cara dela que está a discutir intensamente a situação por dentro.

— Não há problema nenhum, Ms. Foley. Eu já vi o *Hamlet* e o hotel fica a menos de um quarteirão daqui.

— A sério? Oh, isso era fantástico. Podes não acreditar, mas a verdade é que eu ando nestas excursões há anos, e nunca vi o *Hamlet* do bardo pela Real Companhia.

A Melanie solta um ligeiro gemido para aumentar o efeito dramático, e eu dou-lhe uma cotovelada ao de leve, enquanto sorrio à Ms. Foley.

— Bem, nesse caso, não pode mesmo perdê-lo!

Ela acena com a cabeça num gesto solene, como se estivéssemos a falar de coisas muito importantes — tipo a ordem de sucessão ao trono, ou coisa parecida —, e depois pega-me na mão.

— Tem sido um prazer tão grande para mim viajar contigo, Allyson. Vou ter muitas saudades tuas. É uma pena que não haja mais jovens como tu. És tão... — Cala-se um momento, à procura da palavra mais adequada. — És tão boa rapariga!

— Obrigada — respondo-lhe automaticamente, mas o elogio não me diz grande coisa; não sei se é por ter pena que ela não tenha nada melhor a dizer sobre mim, ou pelo facto de neste momento não estar a ser tão boa rapariga como ela pensa.

— Boa rapariga! Essa é mesmo boa! — comenta a Melanie com uma gargalhada depois de já estarmos bem longe do nosso grupo e de ela não ter de continuar a fingir que está maldispоста.

— Cala-te. Não gosto nada destas coisas.

— Pois olha que te saíste muito bem. Se queres saber a minha opinião, podes muito bem vir a ser uma grande atriz.

— Não quero saber a tua opinião. Ora bem, onde é que isto fica? — Olho para o folheto. — Doca do Canal? O que será isto?

A Melanie puxa do telemóvel que, ao contrário do meu, funciona na Europa, e abre a aplicação dos mapas.

— Aparentemente, é numa doca ao pé do canal.

Minutos depois, chegamos à beira-rio, que parece um grande carnaval, com imensa gente a andar dum lado para o outro. Veem-se umas barçaças ancoradas na margem, e uns barcos mais pequenos a vender tudo e mais alguma coisa, desde gelados a aguarelas. Mas não se vê nada que se pareça com um teatro. Nem palco. Nem atores. Volto a olhar para o folheto.

— Se calhar é na ponte — sugere a Melanie.

Voltamos para trás, na direção da ponte medieval de arcos, mas o que encontramos é mais do mesmo: turistas como nós, a passear ao calor do final da tarde.

— Eles disseram que era hoje? — pergunta a Melanie.

Penso no sujeito que falou comigo, o que tinha os olhos incrivelmente pretos, e lembro-me de o ouvir dizer que *hoje* não era uma noite para desperdiçar com tragédias. Mas, ao olhar em volta, parece-me óbvio que não há aqui espetáculo nenhum. Devia ser uma brincadeira — destinada a enganar turistas estúpidas.

— Vamos mas é comer um gelado, para não ficarmos com a noite completamente estragada — proponho.

Estamos na fila dos gelados, quando começamos a ouvir um som de guitarras acústicas, acompanhadas pelo bater ritmado de tambores bongós. Sinto os ouvidos a espetarem-se-me e o sonar interior a ligar-se. Subo a um banco de jardim e ponho-me a olhar em volta. Não é que tenha aparecido um palco, como que por um passe de mágica; o que aconteceu foi que de repente surgiu uma multidão, aliás bastante numerosa, por baixo de um pequeno maciço de árvores.

— Acho que está a começar — declaro, agarrando na mão da Melanie.

— Então e o gelado? — pergunta ela com ar queixoso.

— Comemos depois — prometo-lhe, arrastando-a para junto daquela multidão.

— «Se a música alimenta o amor, toca pois.»

O sujeito que está a fazer de Duque Orsino é completamente diferente dos outros atores shakespearianos que eu tenho visto, talvez à exceção do *Romeu + Julieta* com o Leonardo DiCaprio. É alto, negro, com o cabelo todo entrançado, e vem vestido como se fosse uma estrela de *rock* das mais espampanantes, com umas calças

de vinil muito justas, uns sapatos de ponta afiada, e uma camisa de camuflado, que lhe deixa à vista o peito cheio de cicatrizes.

— Oh, *ainda bem* que viemos — murmura-me a Melanie ao ouvido.

Enquanto o Duque Orsino profere o monólogo de abertura, ao som das guitarras e dos bongós, eu sinto um arrepio pela espinha acima.

Assistimos ao primeiro ato a correr dum lado para o outro atrás dos atores: quando eles se deslocam, nós também nos deslocamos, o que dá a sensação de que também fazemos parte da peça. E talvez seja por isso mesmo que este espetáculo é tão diferente. É que eu já tinha assistido a várias peças de Shakespeare: a espetáculos na minha escola e a algumas produções do Teatro Shakespeare de Filadélfia. Mas sempre tive a sensação de que estava a assistir a uma peça falada noutra língua, uma língua que eu própria falava e percebia mal: tinha de me obrigar a prestar atenção e tinha quase sempre de ler o programa várias vezes do princípio ao fim, a ver se conseguia perceber melhor o sentido daquilo tudo.

Desta vez, dá-se um clique. É como se o meu ouvido captasse imediatamente o tom desta língua estrangeira e eu fosse completamente sugada para dentro da história, como me acontece quando estou a ver um filme: *sinto-o*. Quando o Orsino se apaixona pela fria Olivia, sinto um nó no estômago, por todas as vezes em que também eu me apaixonei por sujeitos para quem era completamente invisível; quando a Viola lamenta a morte do irmão, sinto a dor que ela sente; e quando ela se apaixona pelo Orsino, que pensa que ela é um homem, a situação é cómica, mas também é comovente.

Ele só aparece no segundo ato. Faz de Sebastian, o irmão gémeo de Viola, que toda a gente pensava que tinha morrido. O que faz um certo sentido porque, quando ele entrou em cena, eu já tinha começado a pensar que ele não existia, que tinha sido fruto da minha imaginação.

Ele põe-se a correr dum lado para o outro, com o leal Antonio atrás, e nós a correr com ele. Passado algum tempo, encho-me de coragem, e digo à Melanie:

— Vamos aproximar-nos mais. — Ela agarra-me na mão e avançamos ambas para a frente do público, precisamente na altura em

que o palhaço da Olivia vem à procura do Sebastian e discutem um com o outro, após o que o Sebastian o manda embora. Imediatamente antes de isso acontecer, tenho a sensação de que ele cruza o olhar com o meu durante um segundo.

À medida que o calor se vai desvanecendo com a chegada do crepúsculo, e que vou sendo mais e mais absorvida pelo mundo ilusório de Ilíria, tenho a sensação de ter entrado num estranho espaço que não é deste mundo, um espaço onde tudo pode acontecer, onde a pessoa pode trocar de identidade como troca de camisa; onde aqueles que pensávamos que tinham morrido afinal estão vivos; e onde toda a gente pode ser feliz para sempre. Reconheço que é uma coisa meio piroso, mas está uma temperatura suave e agradável, as árvores estão cobertas de folhas brilhantes e viçosas, ouve-se o cantar dos grilos, e dá a impressão de que, desta vez, talvez isso possa mesmo acontecer.

Mas a peça está a chegar ao fim, e mais cedo do que eu gostaria. O Sebastian e a Viola reencontram-se; a Viola revela ao Orsino que, na realidade, é uma rapariga e — claro — ele pede-a em casamento; e a Olivia percebe que o Sebastian não é o tipo de homem com quem ela pensava casar-se, mas pouco lhe importa, porque a verdade é que está apaixonada por ele. Os músicos voltam a tocar os seus instrumentos enquanto o palhaço profere o monólogo final. E é então que os atores se reúnem todos à boca de cena a agradecer os aplausos, e cada um deles acompanha a tradicional vénia com uma coisa disparatada: um deles dá um salto mortal, outro toca uma viola imaginária. Quando chega a sua vez, o Sebastian passa os olhos pelo público e para ao chegar a mim; nessa altura, faz um meio-sorriso peculiar, tira do bolso uma moeda de adereço e atira-a. Está bastante escuro, e a moeda é pequenita, mas eu consigo apanhá-la, e o público aplaude — e eu tenho a sensação de que os aplausos também são para mim.

Apanhada a moeda, desato a bater palmas, e aplaudo até me arderem as mãos. Aplaudo como se dessa maneira pudesse prolongar aquela sessão, transformando a *Noite de reis* numa noite eterna. E continuo a aplaudir para conseguir manter esta sensação. Continuo a aplaudir porque sei o que vai acontecer quando parar: é o mesmo que acontece quando desligo a televisão depois de ver um grande filme, um daqueles filmes em que a pessoa se perde:

o regresso à realidade, mas com um grande vazio no peito. Às vezes, chego a ver o filme todo outra vez, para tentar recuperar aquela sensação de estar dentro de uma coisa real, embora saiba perfeitamente que isto não faz sentido nenhum.

Mas esta noite não posso voltar a ver a peça. A multidão já começou a dispersar e os atores a afastarem-se. Resta apenas um par de músicos, que andam dum lado para o outro, com o chapéu na mão, a pedir donativos. Meto a mão no porta-moedas e tiro uma nota de dez libras.

A Melanie e eu deixamo-nos ficar muito quietas ao lado uma da outra, em silêncio, até que por fim ela diz:

— Uau!

— Exato. Uau! — respondo eu.

— Foi fantástico. E eu detesto Shakespeare.

Aceno com a cabeça, num gesto de concordância.

— E foi impressão minha, ou aquele sujeito que nos apanhou há bocado na fila, o que fez de Sebastian, não tirava os olhos de cima de nós?

De nós? Mas foi *a mim* que ele atirou a moeda! Ou aconteceu simplesmente que fui eu que a apanhei? Pensando bem, o mais natural é que ele estivesse a olhar para a Melanie, com o seu belo cabelo louro e a sua blusa justa. A Mel 2.0, como ela diz, que é muito mais atraente que a Allyson 1.0.

— Não sei — respondo.

— *Além disso*, atirou-nos a moeda! A propósito, apanhaste-a bem. Se calhar, podíamos ir ter com eles. Andar um bocado com eles ou assim.

— Eles já se foram embora.

— Pois já, mas aqueles ainda aqui andam — faz notar ela, apontando para os músicos dos chapéus. — Podemos perguntar-lhes onde é que eles param.

Abano a cabeça.

— Duvido muito de que eles queiram duas adolescentes americanas idiotas atrás deles.

— Nós não somos idiotas, e eles não pareciam ser muito mais velhos do que nós.

— Não. Além disso, a Ms. Foley pode ir à nossa procura. O melhor é voltarmos para o hotel.

A Melanie revira os olhos.

— Porque é que és sempre assim?

— Assim como?

— Porque é que dizes sempre que não a tudo? Até parece que tens aversão à aventura.

— Eu não digo sempre que não a tudo.

— Nove em cada dez vezes dizes. Estamos prestes a ir para a faculdade; não gostavas de te divertir um bocado?

— Mas eu divirto-me bastante — repliquei, já um bocado irritada. — E nunca me tinhas dito que eu te incomodava assim tanto.

A Melanie e eu somos grandes amigas desde que ela e a família vieram viver para o pé de nós, quando íamos ambas para o segundo ano. Desde essa altura, temos feito tudo juntas: caíram-nos os dentes ao mesmo tempo, começámos a ter o período ao mesmo tempo, e até tivemos namorados aos pares: eu comecei a andar com o Evan poucas semanas depois de ela ter começado a andar com o Alex (que era o melhor amigo do Evan), embora ela e o Alex tivessem acabado em janeiro e o Evan e eu tivéssemos chegado até abril.

Temos passado tanto tempo juntas, que quase temos uma língua secreta de piadas e olhares. Também discutimos bastante, como seria de esperar. Somos ambas filhas únicas, de maneira que às vezes é como se fôssemos irmãs. Uma vez até chegámos a partir uma lâmpada numa discussão. Mas as coisas nunca foram assim. E eu nem sequer percebo bem o que é *assim*; só que, desde que começou esta viagem, quando estou com a Melanie tenho a sensação de que estou a perder uma corrida em que nem sequer sabia que tinha entrado.

— Vim aqui esta noite — digo, com um requebro de defesa na voz. — Menti à Ms. Foley para poder vir.

— Pois foi. E gostámos imenso de vir! Porque é que não continuamos?

Abano a cabeça.

Ela mete a mão na mala, tira o telemóvel e põe-se a ler as mensagens.

— O *Hamlet* também acabou agora. O Craig diz que o Todd levou o grupo para um bar chamado Dirty Duck. Gosto do nome. Anda connosco. Vai ser divertidíssimo.

Acontece que eu tinha saído com a Melanie e o resto do grupo uma vez, mais ou menos uma semana depois de começar a viagem. Por esta altura, já eles tinham saído juntos um par de vezes; e, embora a Melanie conhecesse estes sujeitos apenas há uma semana — o mesmo tempo a que eu os conhecia —, já trocava com eles piadas que *eu* não percebia. Por isso, eu fiquei ali no meio daquela gente toda, a aguentar a minha bebida, e a sentir-me como aqueles miúdos que têm de mudar de escola a meio do ano e não conhecem ninguém.

Olho para o relógio, que me escorregou para a base da mão, e volto a puxá-lo para cima, para esconder a horrível marca vermelha de nascença que tenho no pulso.

— São quase onze horas, e amanhã temos de nos levantar cedo para apanhar o comboio. Por isso, se não te importas, vou pegar neste meu eu adverso à aventura e vou voltar para o hotel. — Parecia mesmo a minha mãe a falar.

— Ótimo. Então vou levar-te ao hotel e depois vou ao tal bar.

— E se a Ms. Foley vier ver de nós?

A Melanie soltou uma gargalhada.

— Diz-lhe que eu tive uma insolação. E que já me passou o calor.

— E começa a subir a margem, na direção da ponte. — O que foi? Estás à espera de alguma coisa?

Olho para trás, na direção do rio e das barcaças, que começam agora a esvaziar-se, depois da correria do fim da tarde. Os homens do lixo saem em força com os carros para a rua. Este dia está a acabar; e nunca mais volta.

— Não, não estou.

DOIS

O nosso comboio para Londres é às oito e um quarto; a hora foi ideia da Melanie, para termos o máximo possível de tempo para as compras. Mas, quando o despertador começa a tocar, às seis, ela tapa a cabeça com a almofada.

— Apanhamos outro comboio — geme ela.

— Não podemos. Já está tudo combinado. Dormes no comboio. De qualquer maneira, prometeste estar lá em baixo às seis e meia para te despedires do pessoal. — E eu tinha prometido despedir-me da Ms. Foley.

Arrasto a Melanie para fora da cama e meto-a debaixo do cubículo a que o hotel chama duche. Faço-lhe um café instantâneo e ligo rapidamente à minha mãe, que tinha ficado acordada até à uma da manhã da Pensilvânia para poder falar comigo. Às seis e meia, descemos ao andar de baixo. A Ms. Foley, metida nas suas habituais *jeans* e no polo das Viagens para Jovens!, aperta a mão da Melanie. Depois dá-me um abraço muito apertado com os seus braços ossudos, passa-me discretamente o cartão dela, e declara-me que não hesite em lhe telefonar se precisar de alguma coisa enquanto estiver em Londres. O grupo seguinte só começa no domingo, e ela também vai estar em Londres até esse dia. Depois diz-me que mandou vir um táxi para as sete e meia, para me levar e à Melanie à estação, volta a perguntar-nos se temos mesmo alguém à nossa espera em Londres (temos sim), volta a dizer-me que eu sou mesmo boa rapariga... e diz-me para ter cuidado com os carteiristas no Metro.

Deixo a Melanie voltar para a cama durante mais meia hora, o que significa que ela não vai ter tempo para se maquilhar e se arranjar, e às sete e meia meto-nos às duas dentro do táxi que está à nossa espera. Quando chega o comboio, arrasto as nossas malas lá para dentro e descobro dois lugares vagos. A Melanie deixa-se cair no lugar que fica mais perto da janela e ordena-me:

— Acorda-me quando chegarmos a Londres.

Eu fico a olhar para ela por momentos, mas ela já se aninhou de encontro à janela e já fechou os olhos. Soltando um suspiro, meto-lhe a mochila debaixo dos pés e poiso o meu blusão no banco ao lado do dela, para afastar possíveis ladrões e velhos lascivos. Depois dirijo-me à carruagem-restaurante; não tomei o pequeno-almoço no hotel, e sinto o estômago a resmungar e a testa a latejar com os começos de uma dor de cabeça de fome.

Embora a Europa seja o continente dos comboios, a verdade é que durante a nossa Viagem para Jovens! nunca andámos de comboio; fizemos de avião as distâncias maiores e de autocarro as outras todas. Vou percorrendo as sucessivas carruagens, sentindo as portas automáticas a abrir à minha frente com um agradável *ushh* e o comboio a balançar-me ao de leve debaixo dos pés. Lá fora, a paisagem rural vai desfilando a grande velocidade.

Ao chegar à carruagem-restaurante, analiso com atenção a parca e triste oferta de comes e bebes, e acabo por pedir uma sandes de queijo, um chá e um pacote de batatas fritas com sal e vinagre, uma combinação em que ultimamente me tornei viciada. E peço também uma lata de *Coca-Cola* para a Melanie. Meto tudo aquilo dentro de um caixotinho de cartão e faço menção de voltar para o meu lugar, quando uma das mesas localizadas ao pé da janela fica vaga. Hesito um segundo: devia voltar para o pé da Melanie; mas a verdade é que ela está a dormir, e tanto lhe faz que eu esteja ao lado dela como não. E decido sentar-me na mesa ao pé da janela, a contemplar a paisagem: é uma zona rural tipicamente inglesa, com tudo muito verde e limpinho, com vedações a separar as diferentes propriedades e as ovelhinhas com os seus novelos de pelo, que mais parecem as nuvens que nunca abandonam este céu inglês.

— Mas que pequeno-almoço tão confuso.

Esta voz. Depois de ter passado quatro atos de Shakespeare a ouvi-la ontem à noite, não posso deixar de a reconhecer imediatamente.

Ergo os olhos e vejo-o ali à minha frente, com uma espécie de meio-sorriso preguiçoso afivelado no rosto, dando a impressão de se ter levantado da cama há dois minutos.

— Confuso porquê? — pergunto-lhe. Devia ter ficado surpreendida mas, não sei porquê, não fiquei. E tenho de morder o lábio com força, para me impedir de fazer um grande sorriso.

Em vez de me responder, ele dirige-se ao balcão e pede um café. Depois acena com a cabeça na direção da minha mesa e eu aceno que sim.

— Por muitas razões — acaba ele por dizer, sentando-se à minha frente. — Parece um expatriado com *jet-lag*.

Baixo os olhos para a sandes, o chá e as batatas fritas.

— Isto é um expatriado com *jet-lag*? Como é que consegues concluir semelhante coisa?

Ele sopra no café.

— É fácil. Para começar, ainda nem são nove da manhã, pelo que o chá faz sentido. Mas a sandes e as batatas fritas são coisas que se comem ao almoço. E nem sequer estou a falar da *Coca-Cola* — conclui, dando uma pancadinha na lata. — Como vês, as horas estão todas misturadas. O teu pequeno-almoço está com *jet-lag*.

Não posso deixar de me rir com aquele raciocínio.

— Os dónutes estavam com um ar repugnante — explico-lhe, apontando para o balcão.

— Concordo em absoluto. É por isso que eu trago o pequeno-almoço de casa. — E, metendo a mão na mochila, começa a desembulhar um papel pardo cheio de vincos.

— Espera, isso também me está a parecer uma sandes — comento eu.

— Mas não é. É pão com *hagelslag*.

— Pão com *hagel* quê?

— *Hagelslag*. — E abre a sandes para eu ver; dentro do pão, tem manteiga e uma espécie de pepitas de chocolate.

— E ainda dizes que o *meu* pequeno-almoço é confuso! Tu comes a sobremesa ao pequeno-almoço.

— Na Holanda, é isto que nós comemos de manhã. É muito típico. É isto ou *uitsmijter*, que é basicamente ovos estrelados com *bacon*.

— Isso não vem para o teste, pois não? É que eu nem sequer consigo perceber que sons são esses.

— *Aut. Smai. Ter.* Depois treinamos a tua pronúncia. Mas o que eu estava a dizer é que, além de estar com *jet-lag*, o teu pequeno-almoço parece um expatriado. Mas continua a comer. Eu posso falar enquanto tu comes.

— Obrigada. Ainda bem que és multitarefa — respondo-lhe, e dou uma gargalhada. Isto é uma coisa estranhíssima, mas a verdade é que está mesmo a acontecer, e com toda a naturalidade. Se pensar bem, estou a namoriscar enquanto tomo o pequeno-almoço. Estou a namoriscar ao pequeno-almoço. — Um expatriado? O que é que isso quer dizer?

— Um expatriado é uma pessoa que vive fora do seu país de origem. Quero eu dizer: estás a comer uma *sandes*, que é uma coisa muito americana. E estás a beber chá, que é uma coisa muito britânica. Mas depois estás a comer fritinhos, ou batatas fritas, ou lá o que é isso, que tanto podem ser americanos como britânicos, mas são temperados com sal e vinagre, o que é muito britânico, e estás a comê-los ao pequeno-almoço, que é uma coisa muito americana. Além disso, tens aí uma *Coca-Cola*. *Coca-Cola* e batatas fritas: é isso que vocês comem ao pequeno-almoço nos Estados Unidos?

— E como é que sabes que eu sou americana? — pergunto-lhe em tom de desafio.

— Para além de estares num grupo de americanos e de teres pronúncia americana? — replica ele, dando uma dentada na *sandes* de *hagu-não-sei-quê* e bebendo outro golo de café.

Mordo o lábio para me impedir de sorrir.

— Exato. Para além disso.

— Bem, eram as minhas duas únicas pistas. Para dizer a verdade, não tens assim muito ar de americana.

— A sério? — Abro o pacote de batatas fritas, de onde se solta um odor intenso a vinagre artificial. Ofereço-lhe uma, mas ele recusa e continua a comer a *sandes*. — E que ar é que têm as americanas?

Ele encolhe os ombros.

— São louras — responde. — Têm grandes... — Faz um gesto a indicar as maminhas. — Têm feições suaves. — Acena com as mãos diante da cara. — São giras. Como a tua amiga.

— E eu não sou assim? — Nem percebo porque é que faço esta pergunta. Sei perfeitamente como é que sou: cabelo escuro, olhos escuros, feições acentuadas, poucas curvas, pouca acentuação no campo das maminhas. De repente, sinto o meu interesse arrefecer: quer dizer que esta manteiga toda era só para ele chegar à Melanie?

— Não — responde, fixando-me intensamente com aqueles olhos dele, que ontem me pareciam incrivelmente escuros, mas hoje, aqui ao pé, vejo que têm uma série de cores lá dentro: cinzento, castanho, até dourado, todas a dançar na escuridão. — Sabes quem é que tu pareces? A Louise Brooks.

Fico a olhar para ele sem perceber.

— Nunca ouviste falar dela? É uma estrela do cinema mudo.

Abano a cabeça. Nunca gostei especialmente de cinema mudo.

— Foi uma grande estrela nos anos vinte. Era americana e era uma atriz espantosa.

— E não era loura. — Queria que aquilo fosse uma piada, mas não me sai com esse efeito.

Ele dá outra dentada na sandes, e fica com uma pontinha de chocolate presa no canto da boca.

— Na Holanda há imensas louras. Quando me vejo ao espelho, vejo um homem louro. A Louise Brooks era morena. Tinha uns olhos incríveis, tristes, umas feições muito definidas, e o cabelo como tu. — E leva a mão ao próprio cabelo, que está tão desgrenhado como estava ontem à noite. — És muito parecida com ela. Acho que vou passar a chamar-te Louise.

Louise. Agrada-me.

— Não, Louise não. Lulu. Era o diminutivo dela.

Lulu. Ainda gosto mais.

Ele estende-me a mão.

— Olá, Lulu, eu sou o Willem.

Tem a mão quente, e aperta-me a minha com firmeza.

— Prazer em conhecer-te, Willem. Mas, se vamos assumir uma nova identidade, passarei a tratar-te por Sebastian.

Ele solta uma gargalhada, que lhe enche os olhos de minúsculas rugas.

— Não. Prefiro Willem. O Sebastian é um bocado... como é que se diz, passivo, não achas? Casa-se com a Olivia, quando na verdade queria casar-se com a irmã dela. É uma coisa que acontece muitas vezes em Shakespeare: as mulheres vão atrás daquilo que realmente querem, os homens são sugados para aquilo que lhes aparece.

— Não sei se concordo muito. Fiquei bastante contente por tudo ter acabado em bem ontem à noite.

— Oh, é uma história simpática, mas não é mais do que isso, um conto de fadas. Eu diria que Shakespeare deve às suas personagens de comédia aqueles finais felizes por ser tão cruel nas tragédias. Pensa no *Hamlet*. Ou em *Romeu e Julieta*. É quase sádico — comenta ele, abanando a cabeça. — O Sebastian é bom sujeito, simplesmente não é bem ele que comanda o seu próprio destino. Shakespeare confere esse privilégio à Viola.

— E quer dizer que tu comandas o teu próprio destino? — pergunto-lhe, e uma vez mais não acredito no que estou a ouvir-me dizer. Quando era pequena, costumava ir andar de patins no gelo num rinque ao pé de minha casa; pelo caminho, imaginava sempre que seria capaz de dar saltos e fazer grandes passos no gelo, mas quando lá chegava mal conseguia manter-me em pé sobre os patins. Mais tarde, passou a acontecer-me o mesmo com as pessoas: imagino sempre que sou uma rapariga ousada e direta, mas quando falo realmente com elas só me saem frases contidas e suaves. Nem com o Evan, com quem namorei durante bastante tempo, consegui ser o género de pessoa de saltos, piruetas e grandes passos que tinha a sensação de poder ser. Mas hoje, ao que parece, estou a andar de patins com grande facilidade.

— Não, nem pensar. Vou para onde me leva o vento. — Faz uma pausa reflexiva. — Se calhar, não é propriamente por acaso que faço de Sebastian.

— E para onde é que o vento te leva agora? — pergunto-lhe, na esperança de que ele tencione ficar em Londres.

— Quando chegar a Londres, vou apanhar outro comboio para a Holanda. A noite passada foi o final da época, pelo menos para mim. Sai-me um «Oh!» desiludido.

— Não comeste a tua sandes. Tem cuidado, que eles aqui põem manteiga nas sandes de queijo. Na realidade, acho que é margarina.

— Eu sei. — Abro a sandes, tiro lá de dentro umas pobres fatias de tomate um bocado murchas e limpo o excesso de manteiga/margarina com o guardanapo.

— Isso ficava melhor com maionese — comenta o Willem.

— Só se tivesse peru.

— Não, queijo e maionese é uma ótima combinação.

— Não acho nada.

— É porque nunca comeste uma maionese decente. Ouvi dizer que a maionese americana não é uma maionese decente.

Rio-me tanto, que começou a correr-me chá pelo nariz.

— O que foi? — perguntou o Willem. — O que foi?

— É a maionese *decente* — expliquei, por entre gargalhadas que não me deixavam falar. — É como se houvesse, tipo, uma maionese que é má rapariga, que anda toda suja e que rouba nas lojas, e uma maionese que é boa rapariga, que é decente, limpinha e sabe traçar a perna, e eu nunca tivesse sido apresentada a esta segunda.

— Mas é precisamente isso — remata ele, e começa a rir-se comigo.

Ainda estamos ambos à gargalhada quando a Melanie entra na carruagem-restaurant com as coisas dela atrás, e a minha camisola na mão.

— Não conseguia encontrar-te — resmungo com ar amuado.

— Pediste-me para te acordar quando chegássemos a Londres!

Olho então para a janela, e verifico que a bela paisagem rural inglesa deu lugar aos feios arredores da cidade.

A Melanie olha de relance para o Willem, e fica espantada.

— Afinal não naufragaste — observa.

— Pois não — responde ele, mas sem deixar de olhar para mim.

— Não te zangues com a Lulu. A culpa foi minha. Eu é que não a deixei ir-se embora.

— A *Lulu*?

— É um diminutivo de Louise. É o meu alter ego, *Mel*.

Volto-me para ela, implorando-lhe com o olhar que não me denuncie. Estou a gostar de ser a Lulu, e ainda não estou mentalizada para abandonar tudo isto.

A Melanie esfrega os olhos, como se tivesse a impressão de ainda estar a dormir. Depois encolhe os ombros e deixa-se cair no lugar ao lado do do Willem.

— Tudo bem. Podes ser quem quiseres. Eu cá gostava era de ter uma cabeça nova.

— Ela não está habituada a ter ressacas — explico ao Willem.

— Vê se te calas — protesta a Melanie.

— O quê, preferias que eu dissesse que tens ressacas todas as semanas?

— Estás muito engraçadinha hoje.

— Espera — diz o Willem, metendo a mão na mochila e tirando lá de dentro uma caixinha branca, da qual deixa cair umas bolinhas também brancas na mão da Melanie. — Mete isto debaixo da língua e deixa dissolver. Vais ver que daqui a nada te sentes melhor.

— O que é isto? — pergunta ela com ar desconfiado.

— É um preparado natural.

— Tens a certeza de que não é uma droga para violação instantânea?

— Exatamente. Ele tem imenso interesse em que tu desmaies aqui no meio do comboio — comento eu.

O Willem mostra o rótulo à Melanie.

— A minha mãe é médica naturista. São pastilhas para a dor de cabeça. Acho que nunca lhe passou pela cabeça violar ninguém.

— Olha, o meu pai também é médico — intervenho eu, embora ele seja o oposto de um médico naturista. O meu pai é pneumologista e completamente adepto da medicina ocidental.

A Melanie volta a olhar atentamente para as pastilhas, mas acaba por metê-las debaixo da língua. Quando, dez minutos mais tarde, o comboio para lentamente na estação, a dor de cabeça dela está bastante atenuada.

Como que por acordo tácito, desembarcamos os três juntos, a Melanie e eu com as nossas malas de rodinhas a abarrotar de coisas, o Willem com a sua mochila compacta, e avançamos ao longo da plataforma; o dia já vai relativamente avançado, e portanto bastante quente, mas dentro da estação de Marylebone está um pouco mais fresco.

— A Veronica mandou-me uma mensagem a dizer que está ligeiramente atrasada — explica-nos a Melanie. — Pede para irmos ter com ela à porta da WHSmith. O que é isso?

— É uma livraria — responde Willem, apontando para o interior da estação.

O interior desta estação é bonito, forrado a ladrilhos cor de tijolo; mas eu estava à espera de vir parar a uma daquelas estações grandiosas, com os painéis de chegadas e partidas sempre a mexer, e sinto-me desiludida: a única coisa que há nesta estação é uma pequena televisão com as linhas e os destinos. Avanço para ver melhor e verifico que os destinos nem sequer são exóticos: High Wycombe, Banbury — que até devem ser terras bem simpáticas. Isto é uma tolice. Acabo de fazer uma grande viagem pelas principais cidades europeias — Roma, Florença, Praga, Viena, Budapeste, Berlim, Edimburgo e agora novamente Londres — e passei o tempo a contar os dias que faltavam para voltarmos para casa. E agora, de repente e sem mais nem menos, deu-me a vontade de viajar.

— O que é que se passa? — pergunta-me a Melanie.

— Nada, estava à espera de encontrar um daqueles painéis enormes de partidas e chegadas como havia nos aeroportos.

— Na Estação Central de Amesterdão há um painel desses — observa o Willem. — Gosto imenso de me postar diante dele, e pôr-me a imaginar que posso escolher um destino daqueles e meter-me ao caminho.

— A sério? Mas é isso mesmo.

— O que foi? — pergunta a Melanie, olhando para o ecrã. — Bicester North não te agrada?

— Não é tão excitante como Paris — faço-lhe ver.

— Oh, deixa-te de coisas! Não me digas que ainda estás amuada por causa disso? — E a Melanie volta-se para o Willem. — Fazia parte do plano seguirmos de Roma para Paris, mas houve uma greve de controladores aéreos, os voos foram todos cancelados e era longe de mais para irmos de autocarro. Ela ainda não se refez da desilusão.

— É verdade, em França há sempre uma greve qualquer por causa de qualquer coisa — confirma Willem com um aceno de cabeça.

— Trocaram-nos Paris por Budapeste — explico eu. — E até gostei de Budapeste, mas não quero acreditar que estou aqui mesmo ao lado de Paris e não vou lá.

O Willem olha intensamente para mim, enrolando uma das fitas da mochila à roda de um dedo.

— Então vai — sugere.

— Vou aonde?

— A Paris.

— Não posso. Essa parte foi cancelada.

— Então vai agora.

— A viagem já acabou. E de qualquer maneira o mais provável é eles continuarem em greve.

— Podes ir de comboio. São duas horas de Londres a Paris.

— Ele lança os olhos para o enorme relógio da estação. — Com sorte, estás em Paris à hora do almoço. Se queres saber, as sandes lá são muito melhores.

— Mas... mas... eu não falo francês, nem tenho guia, nem sequer tenho dinheiro francês. Eles agora usam euros, não é? — Estou a dar estas justificações todas, como se fosse *por causa disto* que não posso ir a Paris, quando a verdade é que a sugestão do Willem é praticamente o mesmo que se ele me tivesse dito que me metesse num foguetão e fosse até à lua. Eu sei que a Europa é um continente pequeno, e que há pessoas que fazem coisas destas; mas não é o meu caso.

Ele continua a olhar para mim, com a cabeça ligeiramente inclinada para o lado.

— Não posso — concludo. — Não conheço minimamente Paris.

O Willem olha de relance para o relógio da estação, e depois fixa o olhar em mim uns segundos antes de dizer:

— Mas *eu* conheço Paris.

O meu coração começa a fazer umas cabriolas absurdas, mas o meu espírito racional continua a enunciar as razões pelas quais eu não posso fazer uma coisa destas.

— Não sei se tenho dinheiro que chegue. Quanto é que custam os bilhetes?

Meto a mão na carteira para contar o dinheiro que me resta: tenho umas quantas libras para o fim de semana, um cartão de crédito para alguma emergência e uma nota de cem dólares que a minha mãe me deu para usar num caso de emergência extrema, se não conseguir usar o cartão de crédito. Mas isto não é uma emergência. E se usar o cartão de crédito, os meus pais ficam imediatamente a saber.

O Willem mete a mão no bolso e tira de lá um maço de notas estrangeiras.

— Não te preocupes com isso. O verão correu-nos bem.

Eu fico a olhar para o maço de notas que ele tem na mão. Estará a falar a sério? Quererá mesmo levar-me a Paris? Mas porque há de ele querer levar-me a Paris?

— Temos bilhetes para o *Let it be*, para amanhã à noite — recorda-me a Melanie, assumindo a Voz da Razão. — E temos o avião para os Estados Unidos no domingo. E a tua mãe ficava furiosa. A sério, a tua mãe matava-te.

Olho para o Willem, que se limita a encolher os ombros, como se não estivesse em condições de negar a verdade contida naquelas palavras.

Estou prestes a recuar, agradecendo-lhe a proposta, mas de repente é como se a Lulu se pusesse ao leme do navio: volto-me para a Melanie e digo-lhe:

— A minha mãe só me mata se chegar a saber.

— A *tua* mãe? — repete a Melanie em tom de troça. — Podes ter a certeza de que a tua mãe há de descobrir.

— A não ser que tu me ajudes.

A Melanie fica muda.

— Vá lá. Eu ajudei-te muitas vezes para a tua mãe não descobrir uma data de coisas durante esta viagem.

A Melanie solta um suspiro dramático.

— Mas isso era uma ida a um bar. Isto é uma ida a outro país.

— Acabaste de me criticar por eu nunca fazer coisas destas.

E, ao dizer isto, tenho-a na mão; por isso, a Melanie muda de tática.

— O que é que queres que eu lhe diga quando ela telefonar para o meu telemóvel à tua procura? Porque é isso mesmo que ela vai fazer. Sabes perfeitamente que sim.

A minha mãe tinha ficado furiosa com o facto de o meu telemóvel não funcionar na Europa. Tinham-nos dito que funcionava e, quando percebeu que não era assim, telefonou para a empresa numa fúria, mas aparentemente não se podia fazer nada; tinha qualquer coisa a ver com a banda, que não era a correta, ou coisa assim. Em última análise, acabou por não ter importância. A minha mãe tinha o nosso itinerário e sabia em que hotéis eu ficava e quando; e, se não conseguia apanhar-me no hotel, ligava para o telemóvel da Melanie.

— Podias desligar o telemóvel, para as chamadas irem parar ao *voice-mail* — sugiro eu. Depois olho para o Willem, que continua com o maço de notas na mão. — Tens a *certeza* de que queres ir a Paris? Pensei que ias regressar à Holanda.

— Eu também pensei. Mas se calhar os ventos estão a empurrar-me noutra direção.

Volto-me para a Melanie. Agora é ela quem tem de decidir. A minha amiga volta-se para o Willem, estreitando os seus belos olhos verdes.

— Se tu violares ou matares a minha amiga, eu dou cabo de ti. O Willem faz um sorriso condescendente e divertido.

— Vocês, os americanos, são tão violentos. Eu sou holandês. O pior que posso fazer é atropelá-la de bicicleta.

— Por estares pedrado — completa a Melanie.

— Pronto, está bem, se calhar um bocado — reconhece o Willem. Depois olha para mim e eu sinto uma onda de qualquer coisa a ganhar corpo cá dentro: irei realmente fazer uma coisa destas? — Então, Lulu, o que dizes? Queres ir a Paris? Queres ir passar um dia a Paris?

É uma loucura completa. Eu nem sequer o conheço. E o mais certo é ser apanhada. Além disso, o que é que se consegue ver de Paris num dia? E este plano pode ter tantas consequências desastrosas! Tudo isto é verdade. E eu sei que é verdade. Mas nada disto põe em causa a minha vontade de ir.

Por isso, desta vez, em lugar de dizer que não, opto por outra alternativa.

Desta vez, digo que sim.